

EDITORIAL

Sobre os cristãos e a revolução

Wellington Teodoro da Silva*

O cristianismo, considerado em suas origens bíblicas e em sua história, é ao mesmo tempo um movimento religioso de procura de Deus e uma sede de Justiça; a tendência para a eternidade inclui a realização na Terra de uma comunidade realmente fraterna e a busca de uma civilização ou de civilizações justas e solidárias. A Transcendência, o Sobrenatural não excluem, antes exigem, a presença no mundo e a preocupação com seus problemas. (Frei Carlos Josaphat. **Evangelho e revolução social**)

A década de 1960 é das mais densas e fundantes para o cristianismo do século XX no Brasil. Ela representa um ponto de inflexão em sua história, na qual a terrível idéia-ato-força revolução foi cristianizada. Se a revolução inaugura a modernidade na história, a modernidade inaugura a revolução. E, no Brasil, a revolução elaborou as portas pelas quais alguns setores do cristianismo passaram para chegar ao século XX e à modernidade.

O movimento para a investigação intelectual acerca desse tema pode ser iniciado com a análise de três livros publicados na primeira metade dessa década, a saber: **Os cristãos e a revolução social** (1963), escrito por Paulo de Tarso, deputado democrata cristão e ex-ministro do governo João Goulart; **Evangelho e revolução social** (1963), do dominicano Frei Carlos Josaphat; e **Cristianismo hoje** (1962), que reúne textos do também dominicano Frei Thomas Cardonnel, do jesuíta Padre Henrique Vaz e dos jovens militantes da Juventude Universitária Cató-

* Historiador, mestre e doutorando em Ciência da Religião (UFJF), professor de Cultura Religiosa da PUC Minas. e-mail: wteodoro@uol.com.br.

lica e da Ação Popular, Herbert José de Souza e Luiz Alberto Gómez de Souza. Nessa obra encontramos também o manifesto do Diretório Central dos Estudantes da PUC do Rio de Janeiro.

Essas três publicações são expressões genuínas de um amplo movimento de cristãos católicos conhecido como “esquerda católica”.

Esses movimentos foram marcados pela efervescência de suas proposituras e pelas descobertas profundas ao entorno do dado de que a história, o grande ato do drama humano, é o lugar onde principia a salvação. Nesse movimento hermenêutico, a revolução, que é morte e ressurgimento de estruturas e mentalidades novas e historicamente situadas, apenas existe na matriz geracional do cristianismo, que é morte e ressurreição para uma realidade nova situada no Absoluto.

A bandeira do humano é empunhada na história e torna-se o objeto de sentido e coesão da esquerda católica que nega que o Cristo seja um mero episódio sem conseqüências para todos os tempos do homem e para o homem em todos os tempos. O Cristo torna-se um lugar que se alcança à medida que se avança na direção do drama do humano. E se a revolução se impõe como único ato eficiente no sentido da emancipação humana, ela torna-se o ato privilegiado para a marcha em direção ao Cristo.

Tomaremos, breve e somente, o texto de Herbert José de Souza que foi publicado com o título “Juventude cristã hoje” (SOUZA, 1962). A trajetória de Betinho, segundo a introdução de Gómez de Souza, confere-lhe autoridade para falar em nome de muitos de sua geração. Seu depoimento é de um cristão que descobriu com outros que o cristianismo não é escola de históricos pregadores inimigos do inferno, mas de vigor e inteligência. De pessoas que tinham o Absoluto a testemunhar.

Esse autor nos informa que a esquerda católica, os cristãos revolucionários, viveu intensos conflitos com os conservadores. Estes os acusaram de heréticos, materialistas, criptocomunistas, inocentes úteis e ateus. Neste conflito singular, religioso e político, fortalecia-se entre seus pares a compreensão de que o cristianismo era uma força revolucionária “na” e “da” história.

Essa convicção era lastreada na militância e no estudo, compreendido também como ato de luta. Estudava-se para compreender e responder às críticas externas e às questões domésticas, surgidas diante do contato com os outros militantes, como os comunistas. Estudava-se para melhor compreender as realidades e assim traçar melhores estratégias de ação. Ainda: estudavam para ter a segurança de que estavam

do lado certo dos movimentos históricos e de que elaboravam uma responsável interpretação do cristianismo.

Esses cristãos da esquerda católica não produziam nem propunham a clássica evasão do mundo. O mundo não era o vale de lágrimas do qual dever-se-ia fugir na esperança de um Paraíso redentor. Não. O mundo era, efetivamente, um vale de lágrimas passível de ser revolucionado. O Paraíso seria, assim, antecipado, ainda que precariamente. O drama humano poderia conhecer o início de sua superação ainda na história, que não pode ser reduzida a um incorrigível e mero vale de lágrimas.

Essa segurança lastreou-se no dado de que Jesus Cristo viveu a história, o drama humano. O Absoluto viveu a história humana. O humano pode, portanto, viver na história a antecipação do Absoluto. Essa antecipação apenas pode acontecer se a história se revolucionar. E o cristão, o sal dessa história, deve forjar-se um revolucionário. Os primeiros movimentos dessa antecipação deveriam ir ao sentido do combate contra as estruturas econômicas, políticas e sociais produtoras da exploração e da fome. Elas impediam que todo o humano se desenvolvesse em suas potencialidades criativas. No Reino não há fome, injustiça e opressão de nenhuma natureza. Nem senhores e escravos. Nem, tampouco, classes sociais antagônicas.

É importante registrar que esse grupo da esquerda católica não se compreende como os inauguradores de uma nova tradição. Eles inserem-se numa tradição que remonta aos tempos bíblicos. Essa compreensão confere-lhes um denso capital legitimador. Segundo Betinho:

Há, no entanto, uma outra atitude fundamental de nossa geração: a adesão ao drama do homem, de todos os homens, a luta pela universalização concreta da Redenção colocada, não no plano de uma visão dualista, mas de uma concepção do homem como um todo, indissociável, organicamente definido. Quebramos definitivamente a perspectiva aristocrática e classista da Salvação e nos voltamos à perspectiva universal do Cristianismo: todos os homens e o homem todo são objetos do amor e da Salvação. O Cristianismo é incompatível com qualquer perspectiva que, de qualquer forma, faça um homem senhor e outro escravo, um sujeito universal de direitos, outro sujeito relativo a determinadas condições restritivas. Não descobrimos por nós mesmos esses valores. Somos o prolongamento de outras gerações, a partir da Geração inicial do Novo Testamento. O Novo Testamento nos dá conta de uma geração universal de um lado, o cristão portador de uma mensagem universal, concreta de Amor, e de uma geração particularista, separatista, discriminadora, do outro lado, o fariseu, o falso profeta, o individualista, o apegado aos seus bens, à sua Salvação. “Quem quiser salvar sua alma, perdê-la-á”. Estranho paradoxo. (SOUZA, 1962, p. 100)

Eles inseriam-se também da tradição do catolicismo romano. Herbert de Souza afirma que a esquerda católica não inventou nada. Repetiram, com todos os papas, a condenação do capitalismo, a necessidade de estruturas políticas, econômicas e sociais mais justas e humanas. Nas novas estruturas, a propriedade social substituiria a propriedade privada da estrutura liberal. “E assim passasse a ser a função efetiva do que tantos gostam de chamar de bem comum” (SOUZA, 1962, p. 101).

Não é por acaso que todos os documentos oficiais da Igreja condenam o capitalismo: trata-se de um sistema que estabelece, por princípio, a desigualdade de oportunidades. Pressiona o homem a ser um competidor para o outro, e separa o mundo social e econômico do mundo real dos homens, promovendo, assim, a economia do lucro contra a economia da necessidade. É por coerência que condenamos o capitalismo. (SOUZA, 1962, p. 104)

Nessa inserção à grande tradição, esses cristãos sentiam um forte apelo a uma dupla revolução. Segundo Betinho, novamente:

Pela fé, Cristo significava para muitos de nossa geração um forte apelo a uma dupla revolução: a superação em nós da negação do amor, o comodismo, a indiferença pela sorte da humanidade, do outro. Não é sem razão que a essa altura os livros de Corção exerceram sobre nós uma influência benéfica: a descoberta do outro, a superação da subjetividade que isola. Hoje, lamentamos o autor que certamente não saberia escrever um livro que tivesse por título: a descoberta dos outros... Enfim, a superação em nós de velhas e deformadas visões de um cristianismo místico, supersticioso e formal. (SOUZA, 1962, p. 100)

Analisando o texto de Betinho, somos tentados a pensar com base na afirmação de Jules Michelet de que a Revolução Francesa não combateu a religião: ela foi a sua própria religião. Podemos afirmar que a esquerda católica propõe que o cristianismo não combate a idéia-ato-força revolução: ele o exige, sendo ele próprio uma matriz revolucionária.

O dirigente da Juventude Universitária Católica e fundador da Ação Popular termina o seu texto com a seguinte citação evangélica:

Então o Rei dirá aos que tiverem se colocado ao seu lado direito: Vinde, abençoados do meu Pai, recebei em herança o Reino que para vós está preparado desde a fundação do mundo. Porque estava faminto e me destes de comer; estava com sede e me destes de beber; era um estrangeiro e me acolhestes; estava nu e me cobristes; estava doente e viestes ajudar-me; estava na prisão e viestes ter comigo. Então os justos lhe responderão e lhe dirão: Senhor, quando aconteceu que te vimos com fome e te demos alimento, ou com sede e te demos o de

beber? E quando te vimos como um estrangeiro e te recebemos, ou nu e te cobrimos? Ou quando te vimos doente ou na prisão e viemos ter contigo? Então o Rei respondendo lhes dirá: Em verdade vos digo: Na medida em que o tiverdes feito a um destes meus irmãos os mais pequeninos, A MIM O FIZESTES. Mateus, 25, 34-41. (SOUZA, 1962, p. 108)

Referência

SOUZA, Herbert José de. Juventude cristã hoje. In: SOUZA, Herbert José de et al. (Org.). **Cristianismo hoje**. Rio de Janeiro: Universitária, 1962.